

## SINTONIZANDO AS CIDADES SUL-AMERICANAS

By Deyan Sudjic

*Mudando o foco da Urban Age para as tendências de desenvolvimento na América do Sul, Deyan Sudjic descreve os contornos das formas urbanas que estão dando o tom às narrativas políticas e econômicas da vida em São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Bogotá e Lima.*

A América Latina urbana é uma coisa, mas a América do Sul urbana é outra coisa, bem diferente. A primeira é dominada pela Cidade do México, de longe a maior cidade das duas, com Miami fazendo o papel de sua outra suposta capital, apesar de situada off shore. Talvez por ser uma construção conceitual, América do Sul se torna atraente aos olhos daqueles que torcem pelo Brasil. Esta fi na ressintonia geográfica permite, então, que a região metropolitana de São Paulo (ou grande São Paulo) com seus 19 milhões de habitantes, reivindique sem pejo seu título de líder incontestado, se não da América Latina, então pelo menos da América do Sul, da qual é indiscutivelmente a maior cidade.

Mesmo se São Paulo, com todo seu dinamismo econômico, às vezes suspeite que fi ca atrás da Cidade do México – não apenas em tamanho, mas também em poder político e cultural – ela está certamente bem na frente do Rio de Janeiro. Ao transferir a sede do governo, para estabelecer uma espécie de novo país, com Brasília em seu coração geográfico, Juscelino Kubitschek, o maior patrocinador de Oscar Niemeyer, fez um enorme gesto político. Uma das conseqüências involuntárias foi que esta mudança alterou o equilíbrio entre as duas maiores cidades do país, em favor de São Paulo. O Rio é atualmente um lugar onde as antigas e lânguidas embaixadas foram cercadas por favelas .

Mas o sentimento de confiança e auto-affirmação que marcou a construção de Brasília aponta para uma condição muito diferente que as cidades sul-americanas possuem, sobretudo quando comparadas a outras, de outras regiões, sobretudo às visitadas pela Urban Age. Comparadas com Xangai, com seu governo fortemente centralizado, as cidades da América do Sul demonstram um nível muito mais sofisticado de empreendedorismo social e comprometimento cívico. Grupos de interesses ativos, religiosos, étnicos e políticos – tanto nos distritos ricos quanto nas altamente organizadas favelas – são

independentes do governo central. A América do Sul tem a boa experiência de iniciativas cívicas, que deram bons resultados. No Brasil, há o exemplo de Curitiba, e, além dele, o trabalho feito por prefeitos reformistas em Bogotá, numa área metropolitana que, com seus oito milhões de pessoas, é até mais relevante em termos de escala.

Durante os últimos dez anos, Bogotá construiu mais de 50 escolas novas, o que representou um tangível investimento em qualidade de vida, voltado aos habitantes mais pobres da cidade. Muito mais foi feito, e não apenas para reduzir as taxas de faltas às aulas, mas também para criar um sentido de inclusão. Além de um vasto programa de construção novas bibliotecas públicas, Bogotá inaugurou um impressionante sistema de transporte público, baseado em corredores de ônibus, que foi muito bem sucedido, pois conseguiu persuadir os proprietários a deixarem seus carros em casa. Bogotá também enfrentou a criminalidade através de seu indiscutível compromisso com a justiça social, tendo conseguido reduzir suas taxas de homicídios, que, antes disso, costumavam ser assustadoras - além de ter aumentado a taxa de alfabetização em sua população, predominantemente jovem. Bogotá mostra a seus vizinhos o que pode ser feito quando existe vontade, organização e racionalização das prioridades.

Na rede das cidades da América do Sul, São Paulo certamente eclipsa Buenos Aires, que, apesar de sua arquitetura clássica do século dezenove e seus ares europeus, ainda precisa recuperar o equilíbrio de seu apogeu dos anos 40. Os produtores rurais argentinos, ressentidos contra as políticas econômicas de seu governo, acenderam fogueiras de protesto, que, no último inverno, deixaram Buenos Aires presa numa nuvem de fumaça sufocante. O Brasil, com seu enorme tamanho e sua população de mais de 180 milhões, tem um padrão urbano diferente dos de seus vizinhos sul-americanos,

como Argentina, Peru e Colômbia, cada um deles com sua cidade esmagadoramente dominante. Um em cada três argentinos e peruanos mora na capital de seus países, comparados com apenas um em cada nove brasileiros morando em São Paulo. O domínio exercido por Lima, no Peru, acabou por virtualmente destruir o sistema nacional de cidades, uma tendência que não foi sequer afetada pelo desmantelamento do sistema de transportes públicos de Lima no início dos anos 90, após a adoção, pelo governo, de uma das reformas neoliberais mais agressivas da América do Sul. Devido à singular situação física dessa cidade, circundada por montanhas e pelo mar, e à ausência de controles sobre o crescimento, Lima pode estar se desenvolvendo numa megacidade linear com 300 km de comprimento, invadindo as terras desérticas de baixo valor adjacentes, num insustentável cenário de um ambiente onde tanto o abastecimento de água quanto o acesso aos transportes já se encontram em seus limites.

São Paulo e Cidade do México são modelos muito diferentes do que uma cidade pode ser. As raízes da Cidade do México remontam a seu antigo passado pré-colombiano. Até o início do século passado, São Paulo não passava de um pequeno entreposto colonial. Hoje, São Paulo é a maior cidade de uma das mais importantes novas economias do mundo, que representa o B daquele conjunto desconfortavelmente chamado de BRIC, cujos outros membros são a Índia, a China e a Rússia.

O Brasil tem o décimo maior mercado do mundo, e uma bienal de artes com projeção global. O Produto Interno Bruto de São Paulo é maior que US\$ 10.000 por cabeça, e a cidade conta com 30.000 milionários. A economia brasileira ultrapassou a do México, tendo sido agrupada junto com países de desenvolvimento explosivo, tais como Índia e Rússia. Uma grande parte do poder econômico do Brasil pode ser atribuída ao extraordinário crescimento de São Paulo, que explodiu em tamanho, partindo de apenas 240.000 pessoas nos primeiros anos do século passado. Apesar da redução do ritmo de suas proezas econômicas, ela tem sido uma máquina de criar empregos, absorvendo ondas sucessivas de imigrantes, vindos tanto da Europa quanto do Japão, além do empobrecido nordeste brasileiro. Por muitos parâmetros, esta cidade é um absoluto sucesso.

Entretanto, é um país e uma cidade que não conseguem controlar a criminalidade. Há um ano atrás, o Brasil se encontrou numa situação de incapacidade de confiar em segurança aérea, e ficou paralisado em decorrência de restrições ao tráfego aéreo. Os clichês sobre São Paulo logo saltam à vista. Esta cidade tem mais helicópteros particulares registrados em nome de seus cidadãos do

que qualquer outra cidade do mundo. Seu sistema prisional está em permanente estado de insurgência. Suas tribos de crianças de rua são brutalizadas tanto pelos criminosos quanto pela polícia. Também é uma cidade cujo prefeito retomou os espaços públicos, ao banir as propagandas em outdoors, desnudando os esqueletos dos cartazes e dos pôsteres, e revelando superfícies chamuscadas pelas sinalizações de néon desmanteladas. Também é um centro de mídia que criou a telenovela, divulgando um tipo muito específico de cultura brasileira para as audiências do mundo todo. São Paulo é a clássica segunda cidade, construída durante uma explosão industrial a partir de quase nada, com essa base industrial sendo o fator que torna a economia brasileira diferente. Ela progrediu muito além dos ciclos de altos e baixos de uma economia baseada em recursos naturais, como ocorre com seus vizinhos.

São Paulo poderia ter sido uma Manchester, uma Xangai, ou uma Chicago. Mas, ao passo que o Rio perdeu a vontade de trabalhar após ter perdido para Brasília sua condição de capital do país, São Paulo é uma segunda cidade que se tornou a primeira. Sua infra-estrutura pode estar comprometida. Sua criminalidade é um problema grande. Mas, como Joanesburgo, São Paulo tem vitalidade e energia para se manter em movimento. São Paulo é uma autêntica metrópole, com a diversidade racial que o comprova, com bairros japoneses, árabes, balcânicos e outros.

Em termos arquitetônicos e urbanos, o Brasil ainda é assombrado pelo espírito da notável geração que começou por criar o grande monumento corbusiano do Rio: o Ministério da Educação. O país pode ter perdido as fantásticas qualidades de construção de monumentos de Oscar Niemeyer. O maravilhoso talento arquitetônico de Lina Bo Bardi, que veio da Itália para São Paulo após a 2ª guerra mundial, ainda não foi superado por seus sucessores. Mas, pelas formas dos irmãos Campana, São Paulo desenvolveu sua visibilidade como centro de design criativo.

Em termos de urbanismo, a questão que enfrenta seria como abordar as desigualdades, e a natureza fraturada de seus serviços públicos. Se fizer isso, pode até se tornar semelhante a Tóquio, onde a prosperidade e a organização superaram um padrão igualmente aleatório de crescimento estonteantemente rápido.

*Deyan Sudjic é Diretor do Design Museum de Londres. Sudjic foi crítico de design e arquitetura do jornal The Observer e já escreveu e publicou vários livros sobre design, arquitetura e cidades.*

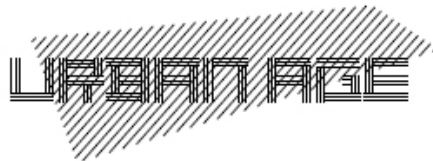
Contact:

Cities Programme  
London School of Economics  
Houghton Street  
London WC2A 2AE

+44 (0)20 7955 7706  
[urban.age@lse.ac.uk](mailto:urban.age@lse.ac.uk)  
[www.urban-age.net](http://www.urban-age.net)

Alfred Herrhausen Society  
Deutsche Bank  
Unter den Linden 13/15  
10117 Berlin  
Germany

T +49 (0)30 3407 4201  
[ute.weiland@db.com](mailto:ute.weiland@db.com)  
[www.alfred-herrhausen-gesellschaft.de](http://www.alfred-herrhausen-gesellschaft.de)



a worldwide investigation into the future of cities  
organised by the Cities Programme  
the London School of Economics and  
Political Science and the Alfred Herrhausen Society, the  
International Forum of Deutsche Bank



THE LONDON SCHOOL  
OF ECONOMICS AND  
POLITICAL SCIENCE ■

**Alfred Herrhausen Society**  
The International Forum of Deutsche Bank

